

### Questão 05 (Valor: 15 pontos)

[...]

- I. Crimes da terra, como perdoá-los?  
Tomei parte em muitos, outros escondi.  
Alguns achei belos, foram publicados.  
Crimes suaves, que ajudam a viver.  
Ração diária de erro, distribuída em casa.  
Os ferozes padeiros do mal.  
Os ferozes leiteiros do mal.

Pôr fogo em tudo, inclusive em mim.  
Ao menino de 1918 chamavam anarquista.  
Porém meu ódio é o melhor de mim.  
Com ele me salvo  
e dou a poucos uma esperança mínima.

Uma flor nasceu na rua!  
Passem de longe, bondes, ônibus, rio de aço do tráfego.  
Uma flor ainda desbotada  
ilude a polícia, rompe o asfalto.  
Façam completo silêncio, paralisem os negócios,  
garanto que uma flor nasceu.

Sua cor não se percebe.  
Suas pétalas não se abrem.  
Seu nome não está nos livros.  
É feia. Mas é realmente uma flor.

Sento-me no chão da capital do país às cinco horas da tarde  
e lentamente passo a mão nessa forma insegura.  
Do lado das montanhas, nuvens maciças avolumam-se.  
Pequenos pontos brancos movem-se no mar, galinhas em pânico.  
É feia. Mas é uma flor. Furou o asfalto, o tédio, o nojo e o ódio.

ANDRADE, Carlos Drummond de. A flor e a náusea. In: *Poesia e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1988. p. 98.

- II. Ainda por cima, a menina nasceu não só antes do dia como antes da hora, por assim dizer. Nasceu quase dentro do saveiro em que viajavam para a Encarnação e ninguém contava com isso, pois pelas contas ela era para nascer em março. [...]

— Te segura, aperta essas pernas! — gritara Nego Leléu, que nunca havia imaginado ficar tão inquieto vendo pela primeira vez uma mulher parir. — Já tá chegando, já tá chegando, já vamo chegando, já cheguemos!

Mas não tinham chegado e, ao atracarem às pressas, o pessoal de terra segurando a borda do barco com as mãos porque nem tempo de fazer as amarras houve, foram carregando Vevé para a casinha de da Hora com a menina já botando o cocuruto pelo meio das pernas da mãe e, assim que a deitaram, o nascimento se completou. Da Hora nem acreditou que era primeiro filho nem que era de oito meses e meio, uma menina tão forte, de choro tão estridente, um parto que mais parecia uma bufa — ficou desconfiada. E Leléu também ficaria, se não tivesse praticamente testemunhado todos os acontecimentos que levaram àquele parto e se, mesmo enrolada num pano e de olhos fechados, não se visse que a menina era mulata, talvez puxada ao

pai. Foi o que se foi vendo mais tarde, pois, apesar da pele azeitonada parecida com a da mãe, os cabelos eram praticamente lisos e os olhos — que lindos olhos tinha a serelepel! — verdes, verdes, verdes como duas contas, tão bonitos que vinha gente vê-los, tinham feito fama.

RIBEIRO, João Ubaldo. *Viva o povo brasileiro*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 254-255.

Considerando o contexto do poema de Carlos Drummond de Andrade e o do romance *Viva o Povo Brasileiro*, analise o nascimento da flor e o da menina, nas respectivas obras, evidenciando o simbolismo de cada um.

### Questão 06 (Valor: 20 pontos)

I. O meu dono começou a andar para casa e eu lá fui atrás, era para isso que existia. Não falou ao major da mijada que dera nos calções, devia ter vergonha. Mas era evidente. Eu não vi, quem sou eu para entrar na casa onde despacham os nobres directores da majestática Companhia das Índias Ocidentais? Tinha uma certa curiosidade em conhecer o director Nieulant. Diziam ser o melhor dos dois representantes da toda poderosa Companhia, fundada para colonizar os territórios à volta do Atlântico. Mas tive de ficar na rua, à espera de Baltazar Van Dum. Tudo o que possa vir a saber do ocorrido dentro do gabinete será graças à imaginação. Sobre este caso e sobre muitos outros. Um escravo não tem direitos, não tem nenhuma liberdade. Apenas uma coisa lhe não podem amarrar: a imaginação. Sirvo-me sempre dela para completar relatos que me são sonogados, tapando os vazios.

PEPETELA. *A gloriosa família: o tempo dos flamengos*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. p. 14.

II. Pareço conhecer nos menores detalhes essa nordestina, pois se vivo com ela. E como muito adivinhei a seu respeito, ela se me grudou na pele qual melado pegajoso ou lama negra. Quando eu era menino li a história de um velho que estava com medo de atravessar um rio. E foi quando apareceu um homem jovem que também queria passar para a outra margem. O velho aproveitou e disse:

— Me leva também? Eu bem montado nos teus ombros?

O moço consentiu e passada a travessia avisou-lhe:

— Já chegamos, agora pode descer.

Mas aí o velho respondeu muito sonso e sabido:  
 — Ah, essa não! É tão bom estar aqui montado como estou que nunca mais vou sair de você!

Pois a datilógrafa não quer sair dos meus ombros. [...]

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. Rio de Janeiro: Rocco, 1998. p. 21-22.

III. A mulher que me escreve tem que continuar a me escrever. A qualquer preço. Sei como fazer. [...]

Para continuar a me escrever, a mulher que me escreve precisa continuar a viver. E para continuar a viver, ela precisa de alguém que lhe faça companhia, no seu desespero e no seu arrependimento e no seu remorso. Ela precisa de alguém que a ajude a carregar a própria culpa.

[...]

Eu odeio a mulher que me escreve. Mais uma vez, ela falou, porque eu quis. A minha vontade a conduz pelos elos da minha imaginação. Desejei ouvi-la no seu delírio, só para sentir até que ponto eu a odeio. Ela me odeia. Estamos vivas. Escravas uma da outra.

Minha autora espera ansiosamente terminar este livro. Olha as folhas escritas e suspira, sem saber o que eu sei. Sei o que é preciso, para levar adiante a minha estória. Agora a mulher que me escreve tem outros motivos para se recusar a me escrever. [...]

CUNHA, Helena Parente. **Mulher no espelho**. São Paulo: Art Ed., 1985. p.142; 154-155.

Considere cada fragmento no contexto do romance do qual foi extraído e comente o foco narrativo nas três obras, explicitando as relações do narrador com as personagens da trama.



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL  
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA  
SERVIÇO DE SELEÇÃO, ORIENTAÇÃO E AVALIAÇÃO**



**VESTIBULAR 2005– 2ª FASE  
GABARITO – PORTUGUÊS**

**Questão 01 (valor: 15 pontos)**

O narrador-personagem, Brás Cubas, no fragmento, reflete consigo mesmo, narra suas ações internas, o que dificulta uma transposição para o cinema, sem que haja adequação de procedimentos formais, como uso de “signos icônico, lingüístico, sonoro e musical, cuja heterogeneidade distingue o texto fílmico do texto verbal.”

A dificuldade existente nas linhas 2 a 8 poderia ser resolvida:

- através do uso da linguagem escrita — legenda;
- através do uso de uma voz “off” — narrador;
- através de quadros, balões que reproduzem a situação, como nas revistas em quadrinhos
- transposição do discurso interior para o discurso direto, criando-se a possibilidade de o personagem narrador dialogar com outro personagem, exteriorizando, dessa forma, os seus pensamentos.

**Questão 02 (valor: 15 pontos)**

A luta contra o autoritarismo e a intolerância manifesta-se em *Em Liberdade*, de Silviano Santiago, através da crítica aos governos (tomando como parâmetro o Governo Vargas) ante a denúncia das práticas carcerárias no Brasil: “— Aqui não há direito. Escutem. Nenhum direito.”

No filme, *Antônia* desafia os padrões de comportamento de um vilarejo tradicional, onde as aparências e a hipocrisia são regras dominantes. Já em *Guernica*, Picasso retrata a guerra que tudo destrói, manifestando seu horror diante do autoritarismo de Franco e da intolerância maior em tempo de conflito.

**Questão 03 (valor: 20 pontos)**

Os fragmentos transcritos confirmam que a língua varia sob a influência de vários fatores. Assim, no texto 1, percebem-se diferenças de uso em relação à linguagem atual, que explicam a variação cronológica: “Sinhazinha”, “pregão”, “toada”, “mas tive de as comer...”, “a modo que”. Também estão presentes no texto 1, traços que caracterizam a variação social, revelando a origem sociocultural do falante: “qué”, “tá”. No texto 2, a diversidade lingüística manifesta-se no vocabulário típico de uma região da catinga: “juazeiros”, “galhos pelados da catinga rala”, “escanchado no quarto”, “baú de folha”, “cambaio”, “o aió a tiracolo”, “a cuia pendurada”, “espingarda de pederneira” e na linguagem usada pelo narrador, de padrão culto. Finalmente, no texto 3, destaca-se a variação social, manifestada através da fala de Leléu: “não sou o

reis dos mares.”, “Tá todos dois doidos” já o narrador utiliza norma culta, evidenciando que ocupa um outro estrato na sociedade.

**Questão 04 (valor: 15 pontos)**

A função metalingüística tem destaque quando, num texto, se discute o processo de sua construção, quando se reflete sobre o funcionamento da linguagem. No fragmento transcrito, o narrador-personagem explicita os critérios que utiliza para escrever, usando, inclusive, a metáfora do “bom cozinheiro”: “recheio a personagem com a minha pessoa, antes de assá-la no forno da imaginação poética,” como um bom copeiro (...) significativos”.

**Questão 05 (valor: 15 pontos)**

No poema de Carlos Drummond de Andrade, numa realidade espaço-temporal caótica, (paradoxal) verifica-se o nascimento de “uma flor”, contrapondo-se à imagem anterior, como se fosse “uma esperança mínima” que surge. O nascimento da flor quebra a rotina violenta do cotidiano e introduz o elemento lírico, símbolo de esperança (frágil) de um novo tempo, confiança no renovar-se dos dias, na humanização da realidade. O nascimento da flor, como o nascimento da menina – Maria da Fé - , no livro de João Ubaldo, é um momento histórico em que uma outra realidade se configura: é o ato inaugural, com seu caráter mítico. Dafé, nascida de um ato de violência, à primeira vista poderia ser apenas mais um ser marginal, fadado ao destino subumano do povo negro ou mestiço, contudo não é isso que vai acontecer. Ela vai lutar pela liberdade de sua gente, buscar soluções novas. Vai materializar a idéia ou o sentimento de um novo mundo, um novo tempo em que haja justiça social.

Concluindo, a flor e Dafé são dois seres insólitos, que representam a possibilidade de construção de “realidades diversas e não adversas”.

**Questão 06 (valor: 20 pontos)**

Em A Hora da Estrela, o narrador, Rodrigo S.M., faz-se também personagem da trama, identificando-se com a protagonista Macabéa, e projetando-se nela. É um narrador onisciente intruso e onipotente.

Em A gloriosa família, o narrador fictício é um escravo mestiço, sem nome explícito, que vai subjetivar a História a partir dos acontecimentos envolvendo a família do seu dono, o holandês Baltazar Van Dum.

O escravo narrador participa da trama apenas como observador dos fatos que presencia, ouve ou imagina, sem ser onisciente.

Em Mulher no espelho, a personagem assume, de forma autoritária e auto-suficiente, a sua ficcionalidade. Subverte a realidade: a personagem cria a sua narradora e se sobrepõe a ela.

**Obs: Em toda a prova poderão ser explorados outros aspectos, desde que pertinentes.**

**Em 09 de janeiro de 2005**

**NELSON ALMEIDA E SILVA FILHO**  
Diretor do SSOA/UFBA

# LÍNGUA PORTUGUESA / LITERATURA BRASILEIRA / REDAÇÃO

## QUESTÕES de 1 a 15

### INSTRUÇÃO:

Para responder a essas questões, identifique APENAS UMA ÚNICA alternativa correta e marque o número correspondente na Folha de Respostas.

## QUESTÕES de 1 a 8

### TEXTO:

A ética da sociedade dominante hoje é utilitarista e antropocêntrica. Considera o conjunto dos seres a serviço do ser humano, que pode dispor deles a seu bel-prazer, atendendo a seus desejos e preferências.

- 5 Acredita que o ser humano, homem e mulher, é a coroa do processo evolutivo e o centro do universo. Ético seria desenvolver um sentido do limite dos desejos humanos, porquanto estes levam facilmente a procurar a vantagem individual à custa da exploração de classes,
- 10 subjugação de povos e opressão de sexos. O ser humano é também e principalmente um ser de comunicação e de responsabilidade. Então ético seria também potencializar a solidariedade generacional no sentido de respeitar o futuro daqueles que ainda não
- 15 nasceram. E, por fim, ético seria reconhecer o caráter de autonomia relativa dos seres; eles também têm direito de continuar a existir e a co-existir conosco e com outros seres, já que existiram antes de nós e por milhões de anos sem nós. Numa palavra, eles têm
- 20 direito ao presente e ao futuro.

Na atitude de estar *sobre* as coisas e *sobre* tudo parece residir o mecanismo fundamental de nossa atual crise civilizacional. Qual a suprema ironia atual? A vontade de tudo dominar nos está fazendo dominados e assujeitados aos imperativos de uma Terra degradada. A utopia de melhorar a condição humana piorou a qualidade de vida. O sonho de crescimento ilimitado produziu o subdesenvolvimento de dois terços da humanidade, a volúpia de utilização optimal dos

30 recursos da Terra levou à exaustão dos sistemas vitais e à desintegração do equilíbrio ambiental. Tanto no socialismo quanto no capitalismo se corroe a base da riqueza que é sempre a terra com seus recursos e o trabalho humano. Hoje a Terra se encontra em fase

35 avançada de exaustão e o trabalho e a criatividade, por causa da revolução tecnológica, da informatização e da robotização, são dispensados e os trabalhadores excluídos até do exército de reserva do trabalho explorado. Ambos, terra e trabalhador, estão feridos e

40 sangram perigosamente. [...]

- A questão que se coloca então é esta: é possível manter a lógica de acumulação, de crescimento ilimitado e linear e ao mesmo tempo evitar a quebra dos sistemas ecológicos, a frustração de seu futuro pelo desaparecimento das espécies, a depredação dos recursos naturais, sobre os quais as futuras gerações também têm direito? Não há um antagonismo entre
- 45 nosso paradigma hegemônico de existência e a preservação da integridade da comunidade terrestre e a cósmica? Podemos responsabilmente levar avante

esta aventura como foi conduzida até hoje? Com a consciência que hoje temos destas questões não seria sumamente irresponsável e por isso antiético continuar na mesma direção? Ou urge mudar de rota?

- 55 Há os que pensam no poder messiânico da ciência e da técnica. Elas podem prejudicar, diz-se, mas também resgatar e libertar. Mas em face disso devemos ponderar: o ser humano se recusa a ser substituído pela máquina, mesmo quando se vê beneficiado de
- 60 um processo que lhe atende às necessidades fundamentais. Ele não possui apenas necessidades fundamentais que devem ser atendidas. Ele é dotado de capacidades que quer exercitar e criativamente
- 65 mostrar. Ele é um ser de participação e de criação. Ele não quer apenas receber o pão, mas também ajudar a produzi-lo de forma que surja como sujeito de sua história. Ele tem fome de pão, mas também de participação e de beleza, não garantidos apenas pelos recursos da tecnociência.

BOFF, Leonardo. *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. Rio de Janeiro: Sextante, 2004. p. 21-24.

### Questão 1

A alternativa em que está expresso um ponto de vista de Leonardo Boff, defendido no texto, é a

- 01) A pessoa humana, consciente do seu papel planetário, deseja interagir com os diversos seres e com as coisas do mundo.
- 02) O ser humano chama para si um direito de dominação sobre a natureza, o que é legitimado pela ética da solidariedade.
- 03) O bem comum dos cidadãos e da natureza é uma preocupação mundial que tem sido supervalorizada por civilizações tecnologicamente avançadas.
- 04) O preço ecológico do desenvolvimento é alto, porque compromete a qualidade do meio ambiente e as relações sociais entre povos de culturas diferentes.
- 05) O inter-relacionamento existente na natureza deve ser considerado como um fator de equilíbrio ecológico sobre o qual o meio ambiente social não interfere.

### Questão 2

Sobre o texto, é verdadeiro o que se afirma na alternativa

- 01) As idéias discutidas são generalizadas no primeiro parágrafo e, nos demais, são particularizadas e regionalizadas.
- 02) A constatação inicial do segundo parágrafo sobre a condição humana é questionada e relativizada pelo autor ao longo desse mesmo parágrafo.
- 03) A idéia central do terceiro parágrafo está desenvolvida por meio de constatações que refletem o ponto de vista do autor.
- 04) A assertiva inicial do quarto parágrafo é apoiada pelo autor, com ressalvas no que se refere aos benefícios da ciência e da técnica para o ser humano em geral.
- 05) O autor, no último parágrafo, contesta a afirmação inicial do primeiro, com a frase "Ele tem fome de pão, mas também de participação e de beleza, não garantidos apenas pelos recursos da tecnociência."

### Questão 3

"A ética da sociedade dominante hoje é utilitarista e antropocêntrica. Considera o conjunto dos seres a serviço do ser humano, que pode dispor deles a seu bel-prazer, atendendo a seus desejos e preferências." (l. 1-4)

Com relação a esse fragmento, pode-se afirmar:

- 01) Os termos "utilitarista e antropocêntrica" pertencem ao mesmo campo semântico.